

### *Quem faz o quê*

O 111º Estágio do Plano Siderúrgico Nacional, em fase final de execução, tem praticamente, todo os seus equipamentos em operação. Por sua vez, o IVº Estágio, segundo o próprio Ministério da Indústria e do Comércio, não será desencadeado antes de 3 ou 4 anos. As siderúrgicas Acominas e Tubarão também não representam boas perspectivas de demanda, já que seus equipamentos, de um modo geral, já foram contratados. Portanto, na área da Siderbrás, que representa em torno de 90% dos investimentos no setor siderúrgico, as perspectivas para os fabricantes não são nada alentadoras.

manda total de bens de capital sob encomenda. Já em 81, sua participação passava para 9%. Para 84, a previsão é de apenas 7,5%. Essa estimativa teve como referência básica o chamado Plano 2000 — plano de suprimento de energia elétrica até o ano 2000, definindo o programa de obras que entrarão em operação de 83 a 85 bem como os correspondentes investimentos de geração, transmissão e distribuição. Em função da escassez de recursos, o Plano 2000 largou o cronograma das suas obras, incluindo as de Itaipu. Tal fato incide direta e negativamente sobre a demanda de equipamentos destinados ao setor elétrico.

investimento da Petrobras vem se concentrando nas áreas de produção e exploração com índices de nacionalização crescentes na compra de máquinas e equipamentos, atingindo 78%, em 81, segundo relatório da própria Petrobras. Para 83, está previsto um índice de 80% de nacionalização. Já para o período 83/84 a previão é de 85% de nacionalização.

tando sua participação na demanda de bens por equipamentos sob encomenda de 11% em 79 para 17,5% em 81, devendo atingir 26% em 84.

Carajás e Procarvão. Quanto a Carajás, acordo assinado na CACEX com indicação de nacionalização de 80% para o projeto de minério de ferro vem colocando algumas encomendas junto à indústria nacional. Quanto ao Procarvão, alguns projetos foram aprovados, porém as encomendas estão paradas. Para o Procarvão meta para 85 é de 17 milhões de toneladas

em volume de encomendas. **Álcool e alcooquímica** — o Proálcool manteve ritmo de desenvolvimento até setembro de 81, sendo que nos últimos três meses as encomendas foram paralisadas e os financiamentos cessaram.

ram, restando uma expectativa de ociosidade de 50% na indústria para o primeiro semestre de 82 e de 100% para o segundo semestre.

nao deverá atingir volumes macios, ou seja, acima de 300 mil unidades por ano. Segundo a ABDIB, o aumento previsto da quantidade de álcool armazenado de até 3 ou 4 bilhões de litros levará a recrudescimento total das instalações de novas usinas nos próximos três ou quatro anos.

de passageiros para os metrôs, subúrbios e trens metropolitanos, 56 locomotivas, além de peças e componentes para reposição da frota nacional. Tal desempenho significa uma queda real de produção de ordem de 48% na linha de vagões de carga, 5% na de locomotivas e o crescimento de 4% na fabricação de carros de passageiros em relação ao ano de 80. Levando-se em conta a capacidade real de produção das empresas — 9000 vagões, 800 carros metrô-ferroviários e 330 locomotivas por ano — vê-se, de imediato, os maus resultados do setor no ano passado. O segmento que enfrenta a situação mais crítica é o de locomotivas.

No primeiro semestre de 1981, a indústria ferroviária brasileira produziu 33 vagões de-carga, 97 carros de passageiros e 62 locomotivas diesel elétricas. Comparados com o primeiro semestre de 1980, esses números representam uma queda de 3,7% na produção de vagões de carga.

39% na de carros de passageiros e um "crescimento" de 463% na de locomotivas. Esse aparente crescimento se deve ao fato de que, no ano passado, foi produzida uma única locomotiva nos primeiros cinco meses. A previsão é de que 81 deverá ser um ano ainda pior que o de 81, tido como o do "fundo do poço".

mestre de 82 encerrou com o total de cerca de 9 milhões de dólares em vagões de carga para a Tunísia, México, Chile e Moçambique e componentes para diversos países, inclusive Moçambique e Tunísia. Em 81, as exportações somaram 4,5 milhões de dólares, significando uma queda de 51% se comparados os valores correntes em dólares como os de 80.

demanda de bens sob encomenda era de 30%. Já para 82, esse total está previsto em 28,4%. Para 84, a estimativa é de uma participação ainda menor: 26,5%. Essa projeção baseia-se, essencialmente, no Plano Permanente de Construção Naval da SUNAMAM que estabelece a contratação junto aos estaleiros de 1 milhão de toneladas porte bruto ao ano até 83.

diem da situação interna de recessão das medidas adicionais internas ditadas pelo Governo vêm a piorar ainda mais as coisas". Também dramático e pessimista Duarte Francisco Moraes, presidente da Associação Brasileira da Indústria Ferroviária — ABIFER — e diretor-presidente da FRESINBRA Industrial S/A, propõe no "Plano de Emergência" encaminhado aos ministérios do Transporte e Planejamento, ainda no final do primeiro semestre deste ano, "um nível mínimo de encerramento capaz não apenas de evitar que a grave situação suportada pelo setor nos últimos anos evolua para o desmantelamento do segmento ferroviário da indústria de bens de capital sob encomenda, como também de permitir que a sua capacidade exportadora se consolide".

sob encomenda e seriados — o panorama também não se revela de nada alentador. Dentre as diversas categorias de indús-

trias, as mais afetadas são as de máquinas-ferramentas, ou seja, fabricantes dos elementos indispensáveis para o funcionamento de outras máquinas que vão, por sua vez, acionar outras indústrias (por exemplo: tornos, fresadeiras, prensas, etc.). Tais empresas operam, atualmente, com um nível médio de atividade de 40% em relação ao ano de 80, conseguindo de 60 a 70% da mão-de-obra utilizada há dois anos atrás. Mão-de-obra, pós-sinal, de duas a 3 vezes mais cara que as dos outros setores industriais de bens de transformação em geral.

Quanto às exportações, houve uma queda de 15,5% nos primeiros quatro meses deste ano em relação a igual período de 81. A recessão internacional com-

fechamento dos mercados do México, Argentina, Chile, Estados Unidos e Argélia, entre outros, foi um dos mais sérios agravantes.

ano, a redução no número de pessoas empregadas chegou a 7% em relação aos números de outubro de 80.

O maior receio, hoje, das indústrias do setor é o de que, se prolongada pelo prazo máximo previsto de um ano esta situação, poderá acarretar danos irreparáveis a toda a tecnologia brasileira, comprometendo não só a modernização do parque industrial em si como também o próprio poder de competitividade do Brasil no mercado externo. Desde o final de 80, as indústrias vêm recorrendo ao Governo, solicitando melhores condições de financiamento e maior facilidade para a importação de componentes não similares no mercado interno. As medidas até agora tomadas pelo FINAME não foram suficientes para inverter a atual situação.

seu nêste de 82 não vem ocorrendo. Reativação essa que significa a perspectiva de pelo menos, dentro de 1 a 2 anos retorna aos níveis de 2 anos atrás.